

Professora primária: uma missionária?¹

Heloísa Helena Pimenta Rocha²

O tema da responsabilidade social da professora primária, no bojo de um amplo projeto de engrandecimento nacional, tem sido inúmeras vezes reeditado pelos homens ilustrados, preocupados com a inserção do país na modernidade capitalista. À afirmação da necessidade de repensar o Brasil, de recolocá-lo nos *trilhos do progresso* tem correspondido a apreensão da educação do povo como problema nacional por excelência que, uma vez resolvido, possibilitaria ao país figurar entre as *nações civilizadas*.

O presente estudo analisa criticamente o discurso médico sobre a educação, nos anos 20, procurando apreender, mais especificamente, as preocupações em relação à professora primária, concebida como um importante agente na obra de regeneração moral do povo. Para tanto, debruça-se sobre os discursos do médico Miguel Couto.³

Buscando explicitar as representações por meio das quais se vai (re)construindo uma identidade para a professora primária, procura-

se examinar desde as concepções acerca do seu papel até o lugar destinado a ela nesse projeto e os saberes necessários à sua formação.

Nesse sentido, o estudo se voltará para a análise das imagens da professora primária como missionária, como santa, contrapostas a imagens do povo imerso nas “trevas da ignorância”, como representações presentes no discurso médico,⁴ discurso competente que, no intento de oferecer soluções para os problemas nacionais, assume um importante papel na definição de um novo projeto de ordenação da sociedade, em que à educação-higiene é atribuída a responsabilidade pela constituição de corpos saudáveis, robustos, produtivos e dóceis.

Os artífices do progresso

Como construir a identidade nacional? O que fazer para combater a degenerescência do “organismo social”? Como impedir que os

1. Este trabalho baseia-se no quarto capítulo da Dissertação de Mestrado da autora, intitulada: “Imagens do analfabetismo: a educação na perspectiva do olhar médico no Brasil dos anos 20”, FE-UNICAMP, 1995.

2. Professora Assistente da Universidade Federal de Uberlândia, Mestre em Educação pela UNICAMP e doutoranda em Educação pela USP.

3. Miguel Couto (1865-1934) foi catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, presidente da Academia Nacional de Medicina, entre 1913 e 1934, deputado constituinte pelo Distrito Federal em 1934. Sua atuação não se limitou à Medicina, figurando dentre as suas preocupações, além da higiene, a educação do povo e a imigração japonesa - questões que eram tomadas como temas dos discursos proferidos tanto na Academia Nacional de Medicina, como em outros espaços, dentre eles a Associação Brasileira de Educação. Na Constituinte de 1934, teve papel fundamental na aprovação do projeto que destinava 10% das rendas federais para a instrução pública.

4. Constituíram-se em fonte importante para a elaboração do trabalho os Anais e Boletins da Academia Nacional de Medicina, bem como as obras de Miguel Couto, tanto na área de educação, como as médicas. Apesar de o trabalho estar centrado nos anos 20 foram consultados os Anais e Boletins que cobrem a trajetória de Couto na Academia, portanto, entre 1896 e 1934.

males da ignorância comprometam a *marcha da civilização*?

No processo de articulação de um projeto civilizatório para o Brasil, questões como estas estiveram presentes no horizonte das preocupações dos reformadores sociais, dentre os quais se destaca, neste estudo, a figura do médico.

No projeto de civilidade desenhado para tirar o Brasil do estado de atraso, o povo, pensado a partir da sua negação, será o alvo dos discursos e das ações das classes pensantes. Discursos que, ao afirmar a menoridade intelectual do povo, projetarão para o futuro a sua participação nos destinos da nação. Incultas, ignorantes, indiferentes, as massas constituíam-se num sério empecilho ao ingresso do país na modernidade capitalista.

Regenerar moralmente as massas! Eis a aventura a que se lançaram os homens ilustrados. Nesse empreendimento, médicos, higienistas e sanitaristas, investidos da autoridade da ciência, apresentar-se-ão como os mais abalizados artífices - detentores de um saber capaz de dar respostas às necessidades de higienização da cidade, crescimento econômico do país e formação de trabalhadores saudáveis.

À leitura da degenerescência da sociedade corresponderá um projeto de normalização, que visará a enquadrar a população nos mais diversos aspectos da vida cotidiana. No interior desse projeto, a educação será utilizada como principal recurso para a construção de uma nova ordem social.

Ao se auto-representarem como *os mais competentes* na instituição de um novo modelo de sociedade, os médicos procurarão pensar a questão educacional, abordando-a desde os mais diversos aspectos. No delineamento desse projeto de regeneração do povo por meio da educação, destaca-se em Miguel Couto tanto a sua preocupação com as questões mais especi-

ficamente pedagógicas, quanto com aspectos que se referem à definição de uma política educacional, os quais se articulam em torno da questão da missão educativa do Estado.

Articulado em torno de dois eixos centrais, a higiene e a moral, esse projeto pedagógico buscará definir o tipo de homem a ser formado, como também o modelo de escola, os saberes a serem ensinados, os agentes dessa educação e, ainda, a formação desses agentes.

Assim, na discussão dos princípios que deveriam nortear a definição de uma política educacional, como na indicação de formas de organização do sistema de ensino, a atuação de médicos como Miguel Couto porá em evidência a necessidade de se pensar a questão educacional, como possibilidade de prevenção dos problemas sociais que caracterizam a instituição de uma ordem social marcadamente excludente. Nesse processo, a educação, vista como estratégia disciplinar de adestramento dos corpos e espíritos, será chamada a conformar o novo tipo de homem, convertendo-se, desse modo, em interesse do Estado.

As "garças brancas"

Na definição de um amplo projeto pedagógico capaz de regenerar física e moralmente o povo, homens de ciência como Miguel Couto também estiveram atentos à formação das professoras, a quem caberia realizar essa grande obra.

Na produção da imagem da professora primária, a alvura do seu saber será contraposta às "trevas da ignorância". Nessa oposição entre luzes e trevas, como num quadro em branco e preto, as professoras primárias surgirão como as "garças brancas":

(...) *mensageiras da cultura e da bondade, como bandos de garças brancas deixando cair plumas*

brancas, lá vão as santas professoras brasileiras para o seu apostolado de fazer de cada criança um homem, forte pelo caracter, util pela intelligencia, bom pelo contágio (Couto, 1933, p. 41). [Grifos meus]

Como missionárias, o seu trabalho constituir-se-ia num apostolado, obra santa de formação de homens moralizados, úteis e produtivos, dos quais dependeria o futuro do país.

Poder-se-ia, pois, dizer sem exaggero que o futuro da Patria, baseado no vigor e utilidade dos seus filhos, está nas mãos das professoras, para quem nunca ha admiração e reconhecimento bastantes, porque quando põem no seu compromisso toda a sua alma, são mais do que heroínas, são santas. (1933, pp. 62-63)

Atitude exemplar - um misto de bondade, sacrifício e renúncia - e preparação sólida, em que os conhecimentos de psicologia infantil mostram-se fundamentais, mesclam-se na composição da imagem das “santas professoras”. Processo de sacralização da função docente, a produção discursiva da identidade desse agente social procura pôr em evidência as suas virtudes pessoais e identificar como ato de heroísmo o seu engajamento nessa obra de engrandecimento nacional, ao mesmo tempo em que reduz a valorização profissional ao reconhecimento e à admiração.

Para bem comprehender o alcance do meu pensamento, devo explicar que por professora, entendo uma criatura meiga, tão bôa que sinta

que toda a sua força está na bondade, tão instruida que possa comprehender a psychologia difficil e variavel das crianças, com absoluto espirito de sacrificio e de renuncia, um ente ideal, um anjo tutelar, uma santa. Ainda não conjecturei a possibilidade de outra. (Couto, 1933, p. 34)

Desse “anjo tutelar”, esperava-se que guardasse sobretudo àqueles que mais precisavam. No interior desse imaginário, os sertões serão concebidos como o lugar da opacidade absoluta, povoado de “sombras de gente”:

deposito de semivivos e semi-mortos, a cujos musculos folha-secca não é licito pedir o minimo esforço, cuja intelligencia, mal nutrida e hebetada, a custo lhes assegura o seu logar na serie zoologica, anemiados até á ultima gotta, chupados por todos os vermes, parasitados por todos os parasitas que vicejem nestes tropicos luxuriantes. (Couto, 1937, p. 56)

É, pois, em direção aos sertões que deveriam migrar os “bandos de garças brancas”, incumbidas de sua santa missão - “na evangelização da cultura e da hygiene pelos campos e sertões da nossa terra á professora cabe a primeira plaina” (Couto, 1933, p. 33).

Elemento importante na penetração da mensagem da hygiene no interior dos lares pobres, o papel da professora também será considerado sob o ponto de vista da sua extensa e contínua área de influência. Sobre ela - em muitas regiões, a única presença do Estado - repousará a responsabilidade pela formação dos corpos saudáveis e produtivos de que o país precisará na sua caminhada rumo ao progresso.

Se estas relações são uteis e necessarias nas cidades, tornam-se nos campos e sertões absolutamente compulsorias. Nada se compara á ascendencia que a professora habil póde exercer sobre as populações ruraes e sertanejas, com a autoridade decorrente do seu sacerdocio, da sua superioridade intellectual, da sua benevolencia irradiante, das suas obras de piedade, do seu interesse desinteressado pelos alumnos, entre os quaes se divide e subdivide, dando a cada um a impressão que é só d'elle.
(Couto, 1933, p. 64)

Vale ressaltar que, na produção da imagem da professora, o conteúdo político da sua atuação vai sendo esvaziado, atribuindo-se a ela uma missão sagrada - “evangelização da cultura e da higiene”. Nesse processo, a profissão docente é identificada a um sacerdócio, destacando-se, na composição da sua imagem, virtudes que a colocam em posição de superioridade em relação ao comum dos mortais. É importante ter claro que a esse esvaziamento vai correspondendo um reenquadramento político da atuação desse agente social, vinculado à sua integração na obra educativa do Estado, como co-responsável na articulação desse novo projeto de sociedade.

A Formação das “garças brancas”

Investidas de tão importante missão, a formação dessas “garças brancas” deverá ser pensada, tendo em vista propiciar-lhes os conhecimentos que lhes serão necessários no seu “apostolado”. Nesse sentido, defende Couto a importância da disciplina Higiene nas escolas normais.

Talvez mesmo, com mais rigôr e minucias e exigencias devesse ser professada a Hygiene nas Escolas Normaes do que nas Faculdades de Medicina; de um lado, porque o estudante do curso medico vai adquirindo pelo caminho as disciplinas subsidiarias que lhe compõem o programma; do outro lado porque mais extensa e continua é a orbita de efficiencia da professora, cujas discipulas de hoje serão as mãis de familia de amanhã, isto é, as boas mãis, que não somente carinhos devem aos filhos senão tambem o uso desde o berço das regras que os farão bellos, sãos e fortes, aptos a procrear uma estirpe bella, sã e forte, de corpo e de espirito.
(1933, p. 33)

Através da formação da “mãe higiênica”, “guardiã do lar”, a professora estaria contribuindo na moralização do comportamento da mulher que, pautado nos preceitos da ciência, possibilitaria gerar e criar filhos belos, saudáveis e fortes.

Convencido da importância da Higiene na formação das professoras primárias e da especificidade da sua atuação em relação à do médico, ele tratará de oferecer um programa para essa disciplina nas escolas normais.

O curso de hygiene das Escolas Normaes terá um character eminentemente pratico e compreenderá entre outras as seguintes materias:

I - A Anatomia e psychologia humanas (noções principaes).

II - Primeiros cuidados nos casos de acidententes.

III - Hygiene da primeira infancia.

IV - Microbiologia - Doenças infectuosas.

V - *Tuberculose - Lepra - Malaria - Verminoses - Doenças eruptivas.*

VI - *Regime alimentar na infancia.*

VII - *A asepsia, a antisepsia. Vaccinas.*

VIII - *Fichas escolares.*

IX - *Higiene das escolas.*

X - *Puericultura - Eugenia. (Couto, 1933, p. 65)*

É importante atentar para o papel auxiliar que as “garças brancas” são chamadas a assumir nesse projeto de educação sanitária. Assim, a Higiene a ser ensinada às professoras deveria ter um caráter marcadamente prático. Postular, dentre as matérias que deveriam compor o programa de Higiene, “fichas escolares”, significava buscar o auxílio das professoras na vigilância dos alunos, através da atribuição de uma tarefa subordinada ao médico. Com relação a essa rede de vigilância, ouçamos Marques:

A vigilância dos alunos, realizada através dos exames médicos, constituía-se na revista, naquele espaço em que os alunos são observados por um poder que só se manifesta pelo olhar e no qual são levantados conhecimentos sobre o aluno, conhecimento esse que é anotado, documentadas as aptidões, os vícios, as degenerescências, permitindo comparações, classificações, categorizações que servirão para a fixação de normas - de códigos médicos escolares - cujo objetivo será mantê-los sob controle por um lado, estabelecendo os gestos, os comportamentos normais; e por outro, inserindo e distribuindo-os numa população, sem tirá-lo da especificação de ser “um caso” que pode ser normalizado ou excluído. (1994, p. 113)

Versada nos principais temas da Higiene, à professora primária caberia, também, emprestar o seu apoio à campanha contra a mortalidade infantil, cuja principal causa era, na concepção de Couto, a ignorância das mães. Nesse sentido, a puericultura constituía-se em uma das matérias fundamentais no programa de Higiene que deveria compor a sua formação:

Uma das materias que a professora deve aprender para ensinar é a puericultura. O seu estudo incluye tres capitulos: a puericultura antes da fecundação; a puericultura durante a gestação; a puericultura depois do nascimento. (...) Entretanto, a puericultura depois do nascimento envolve preceitos que ás mestras, numa “escola de mães”, compete transmittir ás suas alumnas, - futuras mães; nas cidades acompanharão as suas alumnas mais adeantadas, ás maternidades, ás enfermarias infantis, ás crèches, que os nossos maiores mandavam dizer presepios, aos ambulatorios e gotas de leite, para completar o ensino theorico que lhes tiver ministrado. (...) Aliás o instinto da maternidade é innato nas meninas, que só precisam aprender a discipliná-lo e dirigi-lo no beneficio da sua propria prole. (...) As professoras que se dedicam á puericultura associam-se indirectamente á campanha contra a mortalidade infantil, cuja principal causa reside na ignorancia das mães. (Couto, 1933, p. 66-67)

No ensino da puericultura, que deveria contemplar tanto a parte teórica como a prática, residia a possibilidade de disciplinar os instintos, normalizar o comportamento, conformando as futuras mães a uma nova ordem moral, da

qual precisavam ser banidas as práticas populares que orientavam os cuidados com as crianças - saberes que passarão a ser vistos como demonstração de ignorância e irracionalidade.

Eis, pois, como Couto justifica o aparente paradoxo de se exigir mais profundos conhecimentos de Higiene de uma normalista do que de um futuro médico:

de uma professoranda é licito exigir-se mais profundos conhecimentos de hygiene do que de um doutorando; este, desde que se matricula em uma Faculdade de Medicina até ao ultimo dia de seu tirocinio, não fez senão aprender e dar successivas provas do que no final lhe vão recapitular sob o nome de hygiene, ao passo que á professora toda a hygiene ha de ser ensinada e arguida numa só cathedra do seu curriculum normal. Por outro lado, se o doutor em medicina se propõe ao officio de higienista, tem de se submeter a novo estudo seriado dessa disciplina e ao mais severo concurso de provas, ao passo que a professora, quando occupar o seu posto numa escola rural, ou, se me permittirem dizer, sertaneja, fica entregue desde logo da missão incompartida de zelar pela saude e fortaleza dos seus pequenos alumnos, e assim, através da educação moral intellectual e higienica, a de assegurar a vitalidade e a energia do homem num trecho do territorio nacional e formar a mentalidade do povo de amanhã. (1933, pp. 62-63)

Nas mãos das professoras, repousaria a responsabilidade por robustecer o homem,

física e moralmente, por meio de exemplos de virtude e trabalho, como também, zelar pela constituição de uma prole vigorosa.

Na “pirâmide de olhares”, formada por médicos, professoras, dentre outros profissionais, procurar-se-á exercer uma vigilância constante sobre a criança, redefinindo-se, para tanto, desde as suas relações familiares até o espaço escolar, que passa a ser pensado em função da visibilidade. Na apropriação da maternidade, das relações mãe-criança e da infância, pelos médicos, busca-se instituir uma ordem social, em que tudo seja previsível - promessa da construção de uma sociedade transparente como o cristal.

Professoras primárias: ainda “garças brancas”?

Professoras-missionárias, “garças brancas” a espalhar a alvura do seu saber; apóstolas na obra de formação de homens moralizados, úteis e produtivos; mensageiras da cultura e da bondade. “Anjo tutelar”, “ente ideal”, “santas professoras” - misto de bondade, sacrificio e renúncia. Imagens por meio das quais se vai tentando forjar a identidade e a subjetividade da professora primária e, ao mesmo tempo, definindo-lhe um lugar no interior de um projeto de sociedade. A construção dessa imagem sacralizada da professora primária, no âmbito do discurso médico, coloca também em evidência a questão da legitimidade dos discursos que buscam constituir a identidade da escola e redefinir os significados do trabalho pedagógico e da formação docente.

Recorrente no debate educacional brasileiro, a preocupação com a identidade e a formação das professoras primárias guarda a sua atualidade. A insatisfação com o lugar ocupado pelo Brasil no concerto das nações ditas

desenvolvidas não deixou de rondar as cabeças dos nossos homens ilustrados. Por outro lado, a educação e, mais especificamente, a escola não deixou de representar, no discurso desses homens, a possibilidade de ocupar um lugar de destaque no cenário internacional. Nesse debate, não têm estado ausentes os apelos às professoras primárias para que, assumindo a sua missão sacerdótica, contribuam na construção de um projeto de Brasil capaz de alçá-lo no nível dessas nações.

Metáforas ainda operantes no imaginário educacional que articulam o ser e o fazer docente à esfera do sagrado não se constituem, assim, num simples recurso retórico e há que ser levadas em conta quando se busca compreender o processo de construção e reconstrução da função docente, nos diferentes momentos históricos.

Referencias Bibliográficas

- CHAUÍ, Marilena S. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1982.
- COSTA, Nilson R. *Estado, educação e saúde: a higiene da vida cotidiana*. Cadernos Cedes, (4):5-27, São Paulo, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 8. ed. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos A. M. (org.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LAMOUNIER, Bolivar. Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação. In: FAUSTO, Boris (org.). *O Brasil republicano. Sociedade e Instituições (1889-1930)*. 2. ed. São Paulo, Difel, 1978. T. III, v. 2. (História Geral da Civilização Brasileira).
- MARQUES, Vera B. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- MONARCHA, Carlos. *A reinvenção da cidade e da multidão: dimensões da modernidade brasileira: a Escola Nova*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1990.
- NORONHA, Olinda M. A constituição da classe trabalhadora na Primeira República (1889-1930): a produção da noção ideológica de trabalho e educação. *Pro-Posições*, (2):30-35, Campinas, jul. 1990.
- PAIVA, Vanilda P. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Loyola, 1983.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- ROCHA, Heloísa Helena P. *Imagens do analfabetismo: a educação na perspectiva do olhar médico no Brasil dos anos 20*. Dissertação de Mestrado, Campinas, FE-UNICAMP, 1995.
- TORRES, João Carlos B. *Figuras do Estado Moderno. Representação política no Ocidente*. São Paulo: Brasiliense; Brasília, CNPq, 1989.

Fontes primárias

- ANAIS da Academia de Medicina do Rio de Janeiro. 1896-1916.
- BOLETIM da Academia de Medicina do Rio de Janeiro. 1920-1934.
- COUTO, Miguel. *As allocuções do presidente da Academia de Medicina*. Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, 1923.
- _____. *No Brasil só ha um problema nacional - a educação do povo*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1933.
- _____. *Medicina e cultura*. Rio de Janeiro: Oscar Mano & Cia., 1937. v. 3.